



A EMERGÊNCIA DO CIBERESPAÇO E A IMERGÊNCIA DO TERRITÓRIO FÍSICO: PROCESSOS COMUNICATIVOS HIPERMIDIÁTICOS E A CIRCULAÇÃO DA CULTURA

Janaína Quintas Antunes¹

Resumo

Há uma relação direta entre os processos comunicativos hipermidiáticos contemporâneos e os novos modos de circulação e produção cultural na era cibercultural. Com a emergência do ciberespaço, cada indivíduo passa a ter acesso direto ou indireto a conteúdos culturais de todo o mundo através da Glocalidade típica da Cibercultura sem a necessidade de uma relação cultural presencial, conseqüentemente fazendo-a paulatinamente perder força; assim como também trazendo um anulamento, uma ausência do próprio território físico na produção, na influência e na circulação cultural na contemporaneidade. Este artigo tem como objeto essa circulação da cultura contemporânea, analisando-a através das teorias de Trivinho e Virilio.

Palavras-chave: Fluxo Cultural. Comunicação Hipermidiática. Ciberespaço. Cibercultura. Glocalidade.

Introdução

Faz-se necessário analisarmos as mudanças no modo de ser e de viver do ser humano na atualidade, uma vez que a contemporaneidade traz padrões novos de pensamento, múltiplas linguagens, processos comunicativos e modos de interação humana, cada vez mais complexos apoiados pelas altas tecnologias. O fenômeno da comunicação hipermidiática reinventa tanto as relações sociais quanto a circulação e a produção cultural.

Há um cenário contemporâneo extremamente propício para a reflexão sobre as implicações do ambiente sobre o ser humano, e vice-versa. O ambiente físico em que um indivíduo se encontra sempre foi a sua grande fonte de influência cultural, e o fluxo cultural se dava temporalmente no espaço físico. Com a emergência do ciberespaço, tempo e espaço se perdem e uma nova cultura mundializada de circulação instantânea surge; fazendo o

¹ Doutoranda em Comunicação e Semiótica – PUC/SP, Mestre em Educação, Arte e História da Cultura – Mackenzie/SP, Professora e Pesquisadora nas áreas de Cibercultura, História da Cultura, Artes, Semiótica, Estética e Comunicação. tcheina@hotmail.com www.tcheina.com

V COMcult

o que custa o virtual?

território físico ser gradativamente anulado, dando lugar ao virtual. A sociedade contemporânea expandiu suas fronteiras para além de limites concretos das localidades geográficas, tornou-se globalizada e ampliada com o ciberespaço, estimulando novas maneiras de ver, de pensar, de trocar, de se comunicar, de se relacionar e de viver.

Neste momento histórico atual dominado pela tecnologia, nesta sociedade hipermediática, a troca de informações imediata e universalizada influencia de modo decisivo os processos de convivência social e os processos de criação cultural. Devido à disseminação universal da cibercultura, cada indivíduo sofre influência cultural de conteúdos do ciberespaço, e mesmo as pessoas que não têm acesso a ele sofrem essa influência de forma indireta.

Essa influência global atemporal e ageográfica traz como consequência novos produtos, ou novos bens culturais que estimularam a evolução do conceito territorialmente físico de hibridismo para um “além-hibridismo” e os tornaram bens inclassificáveis devido à interatividade típica da cibercultura. Eles utilizam o ciberespaço como meio para a internacionalização de culturas; sintetizam o produto criativo da confluência planetária de características culturais. Trata-se de um fenômeno de articulação cultural simultaneamente local e global, assim profundamente mergulhado no conceito tipicamente cibercultural de Glocalidade:

O glocal (...) é, antes de tudo, a invenção tecnocultural precípua e não raro olvidada (...) de um estirão social-histórico distinguido desde o final do século XIX por avanços sociotécnicos sem par no âmbito das telecomunicações e que acabou por condicionar a expansão (...) do modo de produção capitalista industrial para o universo sociomediático das ondas eletromagnéticas, em coincidência histórica provável com sinais evidentes de esgotamento material e presencial dessa formação social. (...) Numa palavra, uma invenção transepocal, cuja materialidade multitecnológica, na forma dos variados dispositivos de interconexão em tempo real (...) está incrustada em todos os domínios sociais. (TRIVINHO, 2013, p. 23-24).

Glocalidade e a Cultura Humana

Glocal é o sítio no qual estamos quando não nos encontramos nem no local nem no global. Quando, por exemplo, visitamos um museu virtual, não estamos literalmente na cidade, na localização desse museu; porém também não nos encontramos na cidade onde

V COMcult

o que custa o virtual?

nosso corpo físico se encontra, pois não estamos vivenciando o ambiente desta localidade, mas sim o ambiente *glocal* da localização do museu que nos recebe pelo virtual, aquele que se apresenta por meios virtuais que foi teletransportado pela tecnologia.

O fenômeno de criação cultural cuja influência sofre determinismos da cibercultura e das coordenadas glocais introduz novas ponderações quanto ao desenvolvimento humano que tem como suporte o contexto da sociedade e da cultura, na medida em que o mundo humano foi transformado pela realidade da internet, em que a cidade se tornou maior e com outros predicados, os virtuais.

O processo de glocalização reescala para o território planetário e potencializa ao infinito o fenômeno dessa hibridação de “planos” de existências, experiência e atuação, transformando o mundo num caleidoscópio de redutos glocais entrecruzados de e para a circulação de informações, imagens e dados. (TRIVINHO, 2013, p. 13).

A sociedade hipermediática que caracteriza a civilização na qual estamos ainda está com uma consciência precária do fato de que está em contexto glocal: um espectro empírico estruturado pela vida contemporânea vivida imersa em tempo real, que diz respeito a uma caracterização mais integral da nossa existência humana, da nossa condição histórica atual. A condição glocal é justamente aquela de um planeta *territorialmente* dado, mas *mundializado*, portanto apequenado, pelas redes de comunicação. O glocal atualiza a singularidade na dimensão global da universalidade.

A Condição Glocal, o Tempo e a Superação do Espaço Físico

Ao entrar em contato com outro, um determinado contexto glocal em que um indivíduo se encontra faz todo o território geográfico desaparecer, já que essa interação acontece no tempo falso da tecnologia: o *tempo real*. Esse *tempo real* não é nem o fuso horário local, nem o tempo global, que é uma abstração. No fundo, é o tempo glocal – o tempo da luz, tempo da instantaneidade.

Quando se está no ciberespaço, se permanece na rede durante um tempo não mensurável, não se tem uma percepção adequada ou muito menos exata do tempo do relógio, do tempo do calendário. Está-se imerso no tempo real, que é imensurável, que é uma bolha, que acontece de forma imediata, e nela imergimos sem possibilidade de contabilidade. É uma

V COMcult

o que custa o virtual?

experiência em que o espaço flutua tendo em vista a proeminência da conexão, do foco comunicativo. Passa a prevalecer esse reduto que se torna um “mundo” para a percepção, substituindo o “mundo” planeta Terra. Como o espaço é ressignificado tendo em vista o reencantamento proporcionado pela glocalização, assim também se dá em relação ao tempo.

Ao se considerar um indivíduo localizado em um fuso A e um indivíduo em fuso B se comunicando em tempo real, pode-se dizer que nenhum dos fusos existe, pois nesse momento o único fuso que existe é o fuso do tempo falso da tecnologia. Esse tempo, o tempo da instantaneidade, articula os fusos, faz com que aquele que está no fuso A e o que está no fuso B se comuniquem sem que sequer haja uma visão, uma percepção do tempo físico ao seu redor. Os fusos são anulados em prol de um outro tempo, o tempo da luz. As idiossincrasias locais, naturais, presenciais e atmosféricas passam a ser desimportantes devido à emergência histórica de outros componentes.

Isso proporciona, por conta da existência de uma parafernália tecnológica espalhada por todo o planeta, a possibilidade de se constatar a existência invisível de um poder comunicacional vigente que é da ordem de uma realidade já efetivada com a qual temos que lidar em nosso cotidiano contemporâneo. Assim que acordamos já atuamos automaticamente, e em certo nível, até inconscientemente, o que a história vigente exige de nós: comunicação em tempo real. “Nada (...) vem à vida social sem passar pelo processo de glocalização e pelos milhões de contextos mediáticos espalhados ao redor do mundo” (TRIVINHO, 2013, p. 21).

O fato de haver bilhões de pontos em conexão em tempo real faz a vida acontecer justamente no campo eletromagnético, instantaneamente, sem a necessidade aparente da extensão territorial, das cidades, do planeta, da geografia. Deste modo nós temos toda uma vida humana mundializada pelos recursos da comunicação. Trata-se da vida humana em sua condição glocal. A Glocalidade é um fenômeno mundial que atinge todas as pessoas do mundo através do ciberespaço e atinge até mesmo as pessoas sem acesso à internet, que são influenciados de forma indireta (Glocal Lato Sensu, “aquele socialmente intaurado sem o concurso mediador de tecnologias em tempo real” (TRIVINHO, 2013, p. 19), conforme se esclarecerá abaixo), pois elas sofrem essa influência ao entrar em contato, por mais esporádico que este seja, com um indivíduo que tem influência direta do Ciberespaço. A

V COMcult

o que custa o virtual?

cibercultura sofre uma disseminação universal proporcionada por todos os indivíduos que têm contato com o Ciberespaço.

Ninguém (...) sobrevém ao “mundo” exceto por atuação no a partir do contexto glocal; ninguém pode aparecer ou falar ao outro, bem como agir no real de modo mais rápido e eficaz senão no e através do universo instantâneo de signos mediáticos, portanto por efeito da glocalização; e, ainda com gravidade, ninguém pode predizer de si ou de qualquer objeto ou marca que *existe* ou *é*, que seja um *ser* (...), senão com o auxílio estrito e potencializador da condição glocal. Esse mesmo feixe de injunções epocais, de ares totalitários, se transfere para todos os objetos, concretos ou abstratos. Assim, tudo passa ou tende a passar pela rede sígnica em tempo real (...), socialmente estruturada como espécie de sistema mediático-operacional (de guarda, na saída e na entrada) da cultura contemporânea, em sua fase interativa, instituída como dromocracia cibercultural. (TRIVINHO, 2013, p. 25-26).

A condição glocal se embasa, se vê desdobrada, se articula e gera tendências a partir dos contextos glociais – contextos concretos de acesso, recepção, retransmissão, irradiação. O contexto glocal é aquele em que se coloca tanto a migração de signos atuada pelo ser humano em contexto *Stricto Sensu*, diretamente pelo ciberespaço; como também *Lato Sensu*, o que se dá em qualquer lugar em que não haja tecnologia mas se fale, converse, priorize e tematize assuntos que circulam nas redes, sendo uma atuação em contexto glocalizado, substituindo os temas que seriam os da dimensão concreta da cidade: os temas que são os da esquina, os da comunidade, nossos particulares, do próprio grupo, enfim, temas ou assuntos mais locais.

Ao se dar essa uma substituição nas situações comunicacionais de temas específicos e locais por temas que circulam globalmente, mesmo atuado em contextos sem tecnologia, também devemos considerar que estamos em contexto glocal. O contexto glocal é a esfera concreta na qual e pela qual se estrutura o processo comunicacional, sustenta a condição contemporânea marcada pelo tempo real.

Na Glocalidade estamos isolados, tanto no Glocal *Lato Sensu* quanto no Glocal *Stricto Sensu*, pois no primeiro estamos isolados por falta de acesso à internet, no segundo estamos isolados do mundo territorial ao nosso redor protegidos por um *Bunker Glocal*, isto é, nossos infinitos *gadgets* que nos separam do ambiente físico em que nosso corpo se encontra. “a hibridação comunicacional entre global e local sob a égide das tecnologias do tempo real culmina na instauração *partout* da *cultura da bunkerização glocalizada*” (TRIVINHO, 2013, p. 25). Estamos isolados territorialmente, mas unidos ao mundo todo pelo Ciberespaço. Um

V COMcult

o que custa o virtual?

indivíduo pode se isolar da tecnologia, mas jamais pode fugir do processo irreversível da Glocalidade.

A importância histórica dessa condição glocal contemporânea é de grande exponenciação e dominação, de uma supremacia da velocidade e da aceleração em nossa existência contemporânea articulada por todo um processo civilizatório marcado pela comunicação em tempo real. Não é tipo outro de sociedade ou civilização, mas sim aquela sociedade que auferiu a sua própria evolução e o faz todo dia com base nas tecnologias de comunicação. Essas tecnologias são especiais, não são quaisquer, pois se trata de uma tecnologia que acabou por ter uma preponderância absoluta na vida social aberta. Não importa o ramo profissional em que se atue, ninguém deixará de utilizar as máquinas glocalizatórias que estruturam a vida humana conforme ela se põe nesse processo civilizatório. Tecnologias de comunicação podem variar em aparelhagem, elas podem evoluir em qualquer sentido, mas não é o tipo de máquina que importa, o que importa é que o fenômeno glocal é o fundamental. Não é a máquina, a rede, o tipo de máquina, ou o tipo de rede que está em jogo. O que está em jogo é o pressuposto híbrido disso, é o húmus do processo glocal, que é a união irreversível e inexorável entre o global da rede e um contexto glocal que é aquele onde a consciência atua e o corpo radica.

Essa união entre o global que circula e o “onde” o corpo está (ou “onde” ele atua) que é o fundamento comunicacional do processo civilizatório corrente. Este processo pode ter várias roupagens (que por enquanto são *smartphones*, *tablets*, computadores), mas essa roupagem não tem a menor importância, pois o glocal não reside nessas. A questão do glocal é mais de um aspecto de calibração e menos de empirismo, do que podemos comprovar materialmente. É isso que sustenta a união inextricável entre o global da rede e aquilo que circula instantaneamente pela comunicação de massa interativa ou híbrida. Não é mais possível separar conteúdos que são circulantes planetariamente/ nacionalmente/ localmente e o lugar que você ocupa, o lugar em que está seu corpo. É isso que sustenta a dinâmica, a consistência comunicacional planetária que acontece no plano físico em que atuamos e passa por milhões de outros lugares no planeta, ao mesmo tempo em que torna invisível a realidade em que nos encontramos e nos coloca em uma condição glocal. É justamente nessa condição

V COMcult

o que custa o virtual?

glocal da vida humana em contexto, marcada pela comunicação que nós teremos a reprogramação do tempo e do espaço.

A Imergência do Território Físico

Anteriormente existia apenas o local. Ao se introduzir uma máquina capaz de rede, essa relação se modula em uma atinência glocal. Quando isso ocorre, a relação de um sujeito com o equipamento de base, e através dele com os conteúdos globais, conteúdos representativos do global, reprograma o espaço na medida em que toda a vida de um sujeito se torna uma imagem, um espectro, uma simulação. Embora a transmissão da imagem do outro esteja acontecendo em tempo real, não é o outro de carne e osso, este morre. Já a transmissão não morre, o espectro do outro não morre, seu signo imagético perdura. O sujeito de carne e osso e o espectro de seu signo imagético são duas coisas distintas. Aí nós temos o espaço sendo reprogramado e reencantado em função da Glocalidade.

No caso da comunicação eletrônica, o veículo comunicacional de transporte informacional, por ser o último veículo a ter atingido o muro da velocidade da luz, faz com que um receptor receba a mensagem de um emissor quase imediatamente ou imediatamente. Devido a esse último fato e por causa desse último veículo o planeta é abolido e o espaço é suplantado. A cidade desaparece. O planeta desaparece. O espaço físico é superado.

Se há superação do território, da geografia, desses lugares antes exclusivamente físicos e concretos de atuação *in loco* (já que hoje nós agimos no campo eletromagnético); nós perdemos (ou estamos perdendo paulatinamente) a percepção do espaço, do território físico.

Paul Virilio (2014) cita o quanto é expressivo que com o crescimento e com a verticalização das cidades, há o desaparecimento do horizonte. O desenvolvimento da tecnologia hipermediática conjuga a obliteração do território e a mudança perceptual dos seres humanos de seu cotidiano. Na ótica de Virilio (2014), o espaço desaparece. O planeta é abolido, o território geográfico é suspenso, as cidades são mortas – tudo em prol do tempo real e das ações em tempo real. O espaço em que sua consciência se expressa, muda.

Nessa perspectiva sem horizonte na qual a via de acesso à cidade deixa de ser uma porta ou um arco do triunfo para transformar-se em um sistema de audiência eletrônica (...), a ruptura de continuidade não se dá tanto no espaço ou no limite de um setor urbano, mas principalmente na duração (...) e de ocultações sucessivas ou simultâneas que organizam e desorganizam o meio urbano ao ponto de provocar o

V COMcult

o que custa o virtual?

declínio irreversível dos locais. (...) Se a metrópole possui ainda uma localização, uma posição geográfica, esta não se confunde mais com a antiga ruptura cidade/campo e tampouco com a oposição centro/periferia. A localização e a axialidade do dispositivo urbano já perderam há muito sua evidência. Não somente o subúrbio operou a dissolução que conhecemos, mas a oposição “intramuros”, “extramuros” dissipou-se com (...) o desenvolvimento dos meios de comunicação (...). A Interface da tela (...) passa a existir enquanto “distância”, profundidade de campo de uma representação nova, de uma visibilidade sem face a face, na qual desaparece e se apaga a antiga confrontação de ruas e avenidas: o que se apaga aqui é a diferença de posição. (...) A partir de então ninguém pode se considerar separado por obstáculo físico ou por grandes “distâncias de tempo”. (VIRILIO, 2014, p. 8-10).

Ainda que essa concepção de Virilio (2014) seja idiossincrática e o espaço não necessariamente seja abolido, ele é, no mínimo, ressignificado. O planeta pode não ser morto, mas ao menos é suspenso, imerso, ou ganha toda uma nova dimensão espaço-temporal. Afinal, anteriormente se fazia necessário galgar o espaço, vencer o território para se chegar de um ponto até outro; hoje temos a possibilidade de fazê-lo alternadamente por meio da comunicação em tempo real. O que era o pressuposto da vida civilizatória presencial baseada na geografia, passa a se fazer através da mediação da tecnologia em tempo real. O planeta físico se torna desnecessário. O espaço pode não se perder, mas ele se refunde com a Glocalidade.

Virilio (2014) também diz que *o tempo real é a velhice do planeta*, fazendo referência a uma morte deste se aproximando. Ele fala que o planeta está em risco por causa da comunicação em tempo real. As cidades ficam a mercê da ausência de poder do estado local. As coisas próximas a nós, extensas de nossos territórios físicos vão sendo abandonadas conforme a possibilidade do poder em campo eletromagnético aumenta. Isso implica uma atuação maior neste do que nas cidades.

Há que se admitir que a comunicação em tempo real não é inócua, pois como fenômeno ela altera e reconfigura o espaço e o tempo. Ela tem um papel nessa “suspensão” da geografia. O glocal é uma nova espacialização e uma nova temporalidade. O processo de glocalização significa repercussão e/ou desenvolvimento cultural. Uma crioulização, uma miscigenação no campo cultural, uma hibridação que convida a um entendimento mais agudo sobre as consequências comparativas entre experiências vividas presencialmente ou em *tempo real*.



Circulação, Fluxo e Influência Cultural na Cibercultura

As influências culturais que dão origem às novas formas de cultura e que se mostram apoiadas nos subsídios que o ambiente dispõe, com a natural dependência dos recursos existentes, superaram o limite da materialidade com o ciberespaço e passaram a se expressar por meio de extensões da realidade e da expansão de novas capacidades humanas; o modelo de pensamento cultural criativo sofreu inovações transcendendo o espaço geográfico e o tempo cronológico, dando origem e desenvolvendo toda uma nova cultura e um novo modo de circulação, repercussão e fluxo desta.

A realidade tem se configurado de modo acentuadamente sutil em que contornos físicos deram lugar a outras extensões da realidade e passaram a permitir a existência de processos criativos de produção cultural que prescindem de parâmetros lógicos e que atuam na transversalidade de uma realidade que supre o que é próprio e local sem desautorizá-lo porque o transcende; sem desqualificá-lo o substitui por códigos alternativos que são regidos por uma realidade reestruturada, a do *network* universal que sofre adaptações locais e transmuta-se na condição glocal.

Anteriormente éramos influenciados culturalmente pelo o que estava próximo de nós, nossas fontes de cultura eram aquelas que estavam visíveis e acessíveis territorialmente e temporalmente. Não tínhamos grandes possibilidades de influências de culturas longínquas no espaço e no tempo, ao mesmo tempo havia pouco contato com registros históricos da nossa história humana. A nova condição de Glocalidade impõe uma restrição, a de que não é mais possível separar conteúdos que são circulantes internacionalmente, ou nacionalmente ou localmente, ou ainda, em termos do lugar que você ocupa e do lugar em que está seu corpo.

A evolução e o claro delineamento linear temporal da cultura deixam de existir no advento da cibercultura, pois a Glocalidade torna possível que um indivíduo seja influenciado por culturas e movimentos culturais que na nova ordem de conectividade encontram-se “fora” de uma determinada ordem temporal ou geográfica.

Um artista (ou qualquer pessoa, em seu papel de produtor de cultura) pode ser, por exemplo, conjuntamente influenciado por um artista neolítico asiático e por um expressionista africano.

O ciberespaço nos trouxe um enorme número de possibilidades de influências vindas de diversas culturas, de diferentes épocas e localizações. Somos imersos em um mar de influências infinitas, muitas vezes não sendo pessoalmente capazes de reconhecer

V COMcult

o que custa o virtual?

quais são elas ou suas origens, conseqüentemente enfrentando uma grande dificuldade em nomear ou nos integrarmos a um movimento cultural singular, já que hoje somos completamente atemporais e ageográficos. (ANTUNES, 2015, p. 5).

Os novos produtos culturais resultantes dessa influência em amplitude mundial são de natureza inclassificável porque são fruto da multidimensionalidade de todos os processos de produção e da influência cultural multiaspectal; distribuído de algum modo por qualquer meio, seja pela internet, pela televisão, por diversas mídias.

A cultura foi redefinida por esta nova realidade, fazendo-a deixar de ser apenas uma soma de fatores culturais que resulta no hibridismo e tornando-a algo novo, único e inclassificável, *além-híbrido*; isto é, um resultado no qual não é possível reverter a operação matemática do ciclo de influências culturais para revelar seus componentes incógnitos.

Esse *Inclassificalismo* contemporâneo é a evolução do hibridismo, vinda da interatividade típica da cibercultura, para *além* do hibridismo. É a consequência do diálogo entre culturas e da troca de tradições culturais plenamente universalizados pelo ciberespaço, é o surgimento de uma produção de cultura independente de herança cultural local e/ou temporal. É um novo fenômeno na história cultural que caracteriza o século XXI; e está surgindo como a cultura do século XXI, nascida sob condições tecnológicas e culturais específicas da contemporaneidade. É a articulação do mundo, é a internacionalização de culturas de todos os lugares por meio da comunicação proporcionada pela tecnologia; é um fenômeno glocal.

Enquanto bens culturais híbridos têm características de diversas tendências juntas em um único trabalho, e enquanto elas podem ou não estar ligadas à cibercultura, os bens culturais *além-híbridos* são únicos: suas *origens* e influências podem ser várias e é impossível reconhecê-las ou traçá-las, tornando sua classificação impossível. Os objetos desta cultura não são necessariamente vinculados ao digital e ao interativo; eles não estão obrigatoriamente no ciberespaço. Contudo, cada obra foi influenciada pelos traços da cibercultura; cada uma recebeu influências diretas ou indiretas de outras produções e seus produtores do mundo inteiro pelo Ciberespaço, ou como mencionado anteriormente, são fruto do Glocal Lato Sensu; ainda que muitas obras sejam fruto do Glocal Stricto Sensu. É pela articulação social

V COMcult

o que custa o virtual?

no ciberespaço que a estética dessa cultura inclassificável *além-híbrida* e seus bens culturais são internacionalmente estabelecidos.

Breve Conclusão

A cibercultura e o ciberespaço nos permitem um enorme número de possibilidades de interação e produção de influências infinitas vindas de diversas culturas, de diferentes épocas e localizações.

Anteriormente a cidade, a geografia, o nosso ambiente territorial, eram os elementos-chave da influência cultural, os meios pelos quais se dava o desenvolvimento criativo, e eram eles que ofereciam a matéria prima do hibridismo cultural territorial. Mas com sua superação e com a introdução do ciberespaço, essas enormes possibilidades mencionadas fizeram a sociedade expandir os seus meios de circulação e de influência cultural. Novos modos de interatividade deram origem à Glocalidade, e justamente através da Glocalidade surge uma nova cultura *além-híbrida* e inclassificável que desafia nossos conceitos.

É necessário buscar uma nova estrutura de entendimento, mais flexível e que se apoie na compreensão dinâmica de fenômenos humanos que estão para além do visível e do classificável, mas que não por isto, seja menos válido e representativo. A cultura *além-híbrida* é um fenômeno cultural irreversível e disseminado por todo o globo.

Referências

- ANTUNES, Janaína Quintas. História da Cultura Contemporânea: Cibercultura e Cultura Nobrow. In: **Simpósio Nacional de História Cultural, VII, 2014, São Paulo. Anais do VII Simpósio Nacional de História Cultural - Escrita, circulação, leituras e recepções.** São Paulo, Edição 1, 2015, p. 1 – 8.
- TRIVINHO, Eugenio. **Glocal: visibilidade mediática, imaginário *bunker* e existência em tempo real.** São Paulo: AnnaBlume, 2013.
- VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico.** São Paulo: Editora 34, 2014.